

# O Homem Biológico

Dalmo Duque dos Santos

*“21. O Senhor Deus também fez para Adão e sua mulher **vestiduras de peles com que os cobriu**. 22. E disse: Eis aí Adão **feito um de nós, sabemos o bem e o mal**. Impeçamos, pois, agora, que ele deite à árvore da vida, que também tome o seu fruto e que, comendo desse fruto, viva eternamente. (Ele disse, Jeová Eloim: Eis aí, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; agora ele pode estender a mão e tomar da árvore do bem e do mal; agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida; comerá dela e viverá eternamente.” – Gênese.*

O trecho do Gênese, sobretudo nos termos que contém o grifo, é bastante sugestivo para fazermos uma leitura tranqüila e sensata da simbologia do texto mosaico. Ela fala abertamente, para quem tem olhos de ver, da transição do Reino Animal para o Reino Hominal ou da Consciência quando, juntamente com a transformação dos nossos corpos, adquirimos a inteligência racional, para a solução de problemas, e a consciencial, o livre-arbítrio, para fazermos escolhas e tomarmos decisões. É possível, como vem sendo tratado pela tradição esotérica e mais recentemente revelada pelas comunicações mediúnicas espíritas, que este tenha sido o momento em que, em mundos apropriados, fora da Terra – ad hoc – tenham se constituído a primeira raça-matriz da espécie humana. Esse primeiro protótipo de Adão seria caracterizado pela constituição astral e semi-astral, “corpos pouco consistentes”, até que fosse possível o surgimento o modelo ideal, finalmente adaptado ao nosso meio. Seria esse também o Elo Perdido da cadeia evolutiva, e que em vão busca-se nas escavações arqueológicas terrestres. Vamos encontrá-lo, sim, já numa terceira ou quarta fase, já bastante materializada, talvez nas regiões dos continentes perdidos da Lemúria e da Atlântida[17].

Olhando para o passado, vamos entender que, em nosso planeta, as primeiras lições do Reino foram dadas na infância da Humanidade, período no qual os laços entre o Espírito e a carne eram ainda estreitos, daí o predomínio dos centros de força baixos (chacras básico e genésico), motivados pelos instintos animais da sobrevivência física. Como uma obra de arte da Natureza e da arquitetura da Criação, o corpo humano reflete na sua estética fisiológica toda a sua trilha espiritual percorrida nesses milênios de história; ela possui um significado simbólico, esotérico, que vai muito além das suas magníficas e bem projetadas funções orgânicas. No seu desenho estético, sobretudo quando de braços abertos e olhar para o infinito, expressa sua angústia existencial e o inevitável grito de socorro às forças divinas superiores tomando a forma escultural de uma cruz. Esta é a nossa característica essencial, o emblema da dor sacrificial que representa o compromisso supremo no qual o Espírito deve superar a carne. Nos corpos primitivos, porém, a postura crucial oscila nos graus inferiores da escala e não alcança a posição ereta em função do peso

horizontal da influência animal. É o início da verticalização da consciência, uma longa trajetória, de zero a noventa graus, projetada no tempo existencial de muitas encarnações. Em “Os Exilados da Capela”[18], de Edgard Armond encontramos a confirmação dessa verticalização consciencial explicada pela adaptação do perispírito ao corpo físico e vice-versa:

*“Os atlantes primitivos da 4ª Raça-Mãe, que vieram em seguida, eram homens de elevada estatura, com a testa muito recuada; tinham cabelo solto e negro, de secção redonda, e nisto diferiam dos homens que vieram mais tarde, que os possuíam de secção ovalada; suas orelhas eram situadas bem mais para trás e para cima, no crâneo.*

**A cabeça do perispírito ainda estava um tanto para fora, em relação ao corpo físico, o que indicava que ainda não havia integração perfeita; e na raiz do nariz havia um “ponto” que no homem atual corresponde à origem do corpo etéreo (não confundir com a glândula hipófise, que se situa muito mais para dentro da cabeça, na sela turca.**

*Esse “ponto” dos atlantes, separado como nos animais, nos homens atuais coincide no etéreo e no denso, perfeitamente integrados no conjunto psico-físico e essa separação dava aos atlantes uma capacidade singular de penetração nos mundos etéreos, e permitiu que desenvolvessem amplos poderes psíquicos que, por fim, degeneraram e levaram à destruição do continente.*

*Nos atlantes dos últimos tempos, entretanto, quando habitavam a Poseidônia, após os afundamentos anteriores, esses dois “pontos” já se haviam aproximado, dando a eles plena visão física e desenvolvimento dos sentidos.*

*Nesse continente a primeira sub-raça – romahals – possuía pouca percepção e pequeno desenvolvimento de sentimentos em geral, mas grandes possibilidades de distinguir e dar nome às coisas que viam e ao mesmo tempo agir sobre elas.*

*Foi a sub-raça que desenvolveu os rudimentos da linguagem e da memória, conhecimentos anteriormente esboçados e interrompidos na Lemúria por causa do afundamento desse continente, eplo mesmo motivo da degradação moral.*

*Das outras sub-raças, os Travlatis desenvolveram o animismo e o respeito aos pais e familiares. Iniciaram os governos organizados e adquiriram experiências sobre administração, bem como de nações separadas e de governos autônomos, formando assim os padrões e modelos da civilização pré-histórica que chegam até o nosso conhecimento atual.”*

*Os atlantes eram homens fortes, alentados, de pele vermelha-escura ou amarela, imberbes, dinâmicos, altivos, e excessivamente orgulhosos.*

*Desde que se estabeleceram como povos constituídos neste vasto continente, iniciaram a construção de um poderoso império onde, sem demora predominaram a rivalidade intestina e as ambições mais desmedidas de*

*poderio e de dominação.*

*Por outro lado desenvolveram faculdades psíquicas notáveis para sua época, que passaram a aplicar ao serviço dessas ambições inglórias; e, de tal forma se desenvolveram suas dissensões, que foi necessário que ali descessem vários Missionários do Alto para intervir no sentido de harmonizar e dar diretrizes mais justas e construtivas às suas atividades sociais.*

*Segundo consta de algumas revelações mediúnicas ali encarnou duas vezes, sob os nomes de Anfion e Antúlio, o Cristo Planetário, como já o tinha feito, anteriormente, na Lemúria, sob os nomes de Numú e Juno e como faria, mais tarde, na Índia, como Khrisna e Budha e na Palestina como Jesus.*

*Porém triunfaram forças inferiores e a tal ponto se generalizaram os desentendimento entre os diferentes povos, que impôs-se a providência da separação de grandes massas humanas mormente entre romahals, turanianos, mongóis e travlatis, refluindo parte deles para o Norte do continente de onde uma parte passou à Ásia, pela ponta ocidental do Alaska, localizando-se principalmente na China e outra parte alcançou o Continente Hiperbóreo, situado, como já vimos, nas regiões árticas, ao Norte da Europa, que nessa época apresentavam magníficas condições de vida para os seres humanos.*

*No seio da grande massa que permaneceu na Atlântida, formada pelas outras três sub-raças Toltecas, Semitas e Akádios, o tempo do seu transcurso milenário, assinalou extraordinários progressos no campo das atividades materiais conquanto semelhantemente ao que já sucedera no Oriente, as sociedades desses povos tinham se deixado dominar pelos instintos inferiores e pela prática de atos condenáveis, de orgulho e de violência*

*Assim, lamentavelmente degeneraram comprometendo sua evolução.*

*Lavrou entre eles tão terrível corrupção psíquica que, como conseqüência, ocorreu novo e tremendo cataclismo: a Atlântida também submergiu.*

*Os arquivos da história humana não oferecem aos investigadores dos nossos dias documentação esclarecedoras e positiva desse acontecimento, como aliás também sucede e ainda mais acentuadamente, em relação à Lemúria; e por isso é que esses fatos tão importantes e interessantes para o conhecimento da vida planetária, estão capitulados no setor das lendas.”*

Realmente, até mesmo o relato do filósofo grego Platão (428-347 aC) enfatiza o aspecto lendário, afirmando inclusive que ali reinava a paz entre os dez monarcas descendentes de Posidon e que o continente sucumbiu por uma catástrofe “natural”. Segundo Platão, nos seus Diálogos entre Timeu e Crítias, essa história foi revelada ao ateniense Sólon, 200 anos antes, pelos sacerdotes egípcios de Sais, que a transmitiu oralmente aos seus discípulos gregos. Ainda sobre as manifestações das primeiras raças em nosso planeta, vejamos como o Espírito de João Evangelista[19] descreve o aparecimento da espécie

humana na Terra. A descrição mediúnica, no seu tradicional estilo simbólico, repleto de metáforas, é uma descrição da nossa lenta evolução anímica:

*“ (...) Donde havia saído o homem? Qual tinha sido o princípio da sua formação e de seu desenvolvimento? Veio diretamente do pensamento de Deus ou levantou-se do pó por uma série de transformações sucessivas?*

*Meu espírito não o tinha visto, porém minha alma não podia esquecer aquele algo indefinível, que tinha como que adivinhado nos animais superiores.*

*Luz – luz – muita luz- muitíssima luz! porém a luz reside em Deus.*

*Eu tinha visto, e via vegetais como minerais e minerais como vegetais e vegetais como animais, homens que participavam alguma coisa do homem. Meu espírito estava cego; e que confiança merece a vida de um pobre cego?*

*Eu via o homem, e via nele o sentimento, a vontade e a luz; via o animal, e via nele a sensação, o impulso e o instinto; via o vegetal, e via nele a tendência para a conservação. E perguntava a mim mesmo:*

*O sentimento e a vontade e a luz são criações independentes e primitivas ou são uma criação única, já modificada ou transformada?*

*E, ao pensar que os três caracteres distintivos da natureza humana poderiam confundir-se em sua raiz, acudiu fugitivamente à minha alma a idéia de que podia ser a unidade, a identidade, o limite de sua depuração. E perguntava a mim mesmo:*

*São, porventura, o sentimento, a sensação depurada e transformada – a vontade, o impulso depurado e transformado? Serão, porventura, o sentimento e a sensação, a vontade e o impulso, a luz e o instinto – depurações e transformações daquela tendência para a conservação iniciada no organismo vegetal?*

*Ignoro; não sei; não quero; não posso não me atrevo a sabê-lo; porque Deus pôs um véu entre o seu segredo e os olhos do meu espírito. Minha alma nada sabe acerca do princípio e do nascimento do homem”.*

Nessa primeira etapa da constante transformação físico-anímica, através de raças-padrão e várias sub-raças, surgiram na Terra três protótipos sociais humanos básicos, cada qual realizando as primeiras descobertas da sua individualidade:

O **tipo Humanóide** (Australopithecus, de 3 milhões de anos), ainda bastante horizontal, uma transição entre os primatas e os humanos . Eram seres ainda muito rudes, de inteligência e hábitos grosseiros, cuja finalidade era a satisfação impulsiva das necessidades básicas: alimentação, sono, sexo, abrigo. Sua marca defensiva era a brutalidade e o egoísmo levado ao extremo.

O tipo **Anímico** (do Homo Habilis, de 2 milhões de anos, ao Homo Erectus, de

1 milhão anos), mais humano e ereto; mais sensível e curioso do que o anterior, observador da Natureza; fascinado pelos fenômenos exteriores, aprendeu a fazer o fogo e a render homenagem às forças naturais. Para ele o Universo era um ambiente de magia, povoado de espíritos que animavam todas as coisas. Era o princípio de religiosidade e da arte.

E o tipo Tribal (do Homo Sapiens de 100 mil anos ao Homo Sapiens-Sapiens de 37 mil anos), que marca a fase de transformação biológica e mental entre o Homo Sapiens e o Homo Faber atual, acumulando as experiências que vão culminar na descoberta da agricultura, da pecuária, da indústria e do comércio de trocas naturais. No aspecto sociológico ocorre a lenta transformação do clã em direção a um tipo de organização mais complexa e necessária aos novos tempos[20]:

*“Assim como as necessidades básicas do homem são a fome e o amor, assim também as funções básicas da organização social se resumem na provisão econômica e na sobrevivência biológica; uma caudal de crianças é tão necessária como a continuidade do alimento. Às instituições que objetivam o bem-estar material e a ordem política, a sociedade sempre acrescenta instituições cujo fim é a perpetuação da espécie. Até que o Estado se tornasse a fonte central e permanente da ordem, o clã tomou a si a delicada tarefa de regular as relações entre os sexos e as gerações; e mesmo depois de estabelecido o Estado, o governo essencial da humanidade continuou radicado na mais profunda de todas as instituições históricas – a família.*

*É de todo improvável que as primeiras criaturas vivessem em famílias isoladas, mesmo no estágio da caça; porque a inferioridade” do homem quanto aos órgãos de defesa teria deixado tais famílias entregues à voracidade das feras. Em regra, na natureza, os organismos mais pobremente dotados de defesa individual vivem em grupos, e tiram da ação conjunta os meios de sobreviver num mundo enxameante de garras, presas e couros impenetráveis. Evidentemente foi assim que o homem; salvou-se pela solidariedade do grupo. Quando as relações econômicas e a dominação política substituíram o parentesco como princípio de organização social, o clã perdeu sua posição na subestrutura da sociedade; embaixo foi suplantado pela família e pelo alto Estado. O governo tomou a si o problema de manter a ordem, e a família assumiu a tarefa de reorganizar a indústria e a assegurar a perpetuidade da raça”.*

Na transformação evolutiva da espécie humana encontramos como fator essencial a conquista crescente e vertical da consciência, bem como a sua principal ferramenta de ação, que é a inteligência. Segundo as pesquisas da Antropologia, num longo período de 1 milhão de anos as espécies humanóides e humanas das quais descendemos realizaram nesse campo poucas conquistas significativas, que mudaram os rumos da nossa experiência social: o domínio do fogo e a agricultura, nos tempos pré-históricos; e as revoluções tecnológicas contemporâneas da mecanização industrial e a informática. Todas elas estiveram ligadas aos processos produtivos e sempre impulsionadas pela Lei do Trabalho. Outra curiosidade é que os intervalos de tempo entre essas descobertas eram imensos inicialmente e, na medida que foram despontando

novas necessidades sociais e novas inteligências, foram diminuindo entre uma e outra:

- **Revolução do Fogo** (100 mil aC) e a **Revolução Agrícola** (10 mil aC): 90 mil anos
- **Revolução Agrícola e a Revolução Industrial** (1760 dC): 12 mil anos
- **Revolução Industrial e a Revolução da Macro-Informática** (1950): 216 anos
- **Macro Informática e a Micro-Informática Digital** (1976): 26 anos
- **Micro- Informática e a Revolução Biogenética** (1980): 4 anos

Isso mostra que as conquistas tecnológicas, ligadas às inteligências objetivas do Homem, entrarão nos próximos séculos num processo irreversível de esgotamento. As descobertas serão cada vez mais rápidas e as soluções cada vez mais práticas. Os problemas da objetividade social humana, basicamente as doenças psicossomáticas e vícios do consumismo, vão desaparecer e já causam certa preocupação nas cabeças filosóficas quanto às questões do trabalho e da sobrevivência. Questionam eles: se não houver mais problemas a serem solucionados, viveremos no completo ócio?

Outra impressão paradoxal, muito comum diante dessas mudanças, é a de que quanto mais dispomos de informações, menos domínio temos sobre o conhecimento. Diante de tanta sabedoria disponível nunca nos sentimos tão ignorantes.

Lembrando as teorias de Marshal McLuhan<sup>[21]</sup>, a maioria dessas tecnologias foi criada para funcionar como extensões mecânicas do corpo humano, isto é, dos impulsos elétricos do cérebro. Esses mecanismos são efeitos das inteligências voltadas para o mundo bidimensional da matéria e para as comodidades exteriores da experiência humana. Na perspectiva materialista, as soluções de todos os problemas estariam apenas nesse campo tecnológico refletido pelos paradigmas cérebro, esquecendo-se que os problemas de ordem subjetiva estão apenas começando a dar os primeiros sinais de um longo caminho a ser percorrido. As inteligências subjetivas (interpessoal e intrapessoal), invertendo o seu percurso racional para o caminho emocional, pela verticalização ou interiorização, também darão novos rumos para as inteligências objetivas. O conhecimento e suas expressões no campo das artes e da ciências sofrerão profundas transformações nas suas estruturas e manifestações. Segundo o filósofo italiano Pietro Ubaldi, nos próximos milênios surgirão novos paradigmas do universo mental e que só poderão ser compreendidos e sintetizados pela faculdade da intuição. Esta será a pedra fundamental, a antena básica, o censor mais imediato e acessível para navegarmos no ainda desconhecido oceano universal do Espírito. Como os morcegos e golfinhos, ainda mergulhados no microcosmo de Ego, os primeiros seres humanos da Nova Idade Cósmica, ingressarão nesse universo praticamente cegos e se guiarão nessa escuridão espiritual pelos sinais do próprio esforço que emitirem. A

clareza que buscam não será mais revelada pelos sentidos físicos ou pela razão, pois estas já atingiram os seus limites; a clareza só será atingida através da leitura emocional, pela transformação gradual dos sentimentos, cujas chaves abrirão as portas do Sexto e do Sétimo Sentidos e todas as suas consequências naturais. Todas as demais faculdades despertadas por essas novas experiências, e que nos permitirão fazer a leitura desses novos ambientes, serão extensões da intuição. Um exemplo: assim como a visão bidimensional é um fenômeno físico captado pelo cérebro, a supervisão multidimensional será um fenômeno metafísico, captado pela mente, pela crescente sensibilidade intuitivo-sensitiva.

### **Referências:**

[17] Segundo Armond, na sua "Iniciação Espírita" o continente da Lemúria desapareceu sob as águas 700 mil anos antes do alvorecer da Idade Terciária. Seus habitantes eram homens escuros, robustos, peludos, de braços longos, muito parecidos ainda com os símios. Já o nome Atlântida refere-se a Atlas, o primeiro rei dos atlantes, simbolizado em seu poderio político pela mitologia grega carregando o mundo sobre os ombros.

[18] Capítulo XV. Editora Aliança.

[19] Espanha, março de 1871, in "Roma e o Evangelho", organizado por D..J. Amigó y Pellícer. FEB Editora

[20] Will Durant - Nossa Herança Oriental –Record

[21] Os meios de comunicação como extensões do Homem. Editora Cultrix.  
Will Durant. Métodos da Religião, in Elementos da Civilização- Nossa Herança Oriental.

***Artigo Reproduzido com Autorização do Autor***